

reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

27 de Setembro de 1930

Numero 8

Os discretos misericordes de Lisboa

REPORTAGEM
SENSACIONAL

ILBERINO
D. O.
SANTOS

Como
se faz
escravidão
branca
em
Portugal

LER NO PRESENTE NUMERO: "Os pequenos crimes ignorados de Lisboa" — "O misterio da morte do chefe Barbosa" — A continuação do "Marquês de Sagres", etc. etc.

GRANDE HOTEL DA BATALHA

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C.ª, L.ª

Magnificas instalações
Serviço de mesa primoroso
EXPLENDIDA SALA DE JANTAR
TELEFONE, 247

Higiene e conforto

P. DA BATALHA = PORTO

MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PROPRIA
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.ª o

Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços modicos—Visitá-lo é preferi-lo.

Proprietario — LUIZ CORREIA

CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picaria, 28
O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NOITES NOVAS VARIEDADES — «SOIRÉES»

Serviço de Restaurant e Gabinetes
ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

VICTORIA CAFÉ

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

mais confortavel
mais completo
mais higienico

Grande exito de todas as noites

Fados pela cantatriz Leonor Fialho—Explicendidos salões de Jogos, Bilhares e Ping-Pong—Pequenos almoços, Lanches—Comentos todos os dias das 21 horas em diante

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da **United States Lines**

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

É caro? É! Mas no **ESCONDIDINHO**

come-se, porque o **ESCONDIDINHO**

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel — PORTO

PATHE

Se quer adquirir um gramofone não compre da primeira marca que lhe apresentem

Discos portugueses de: Viana da Mota, o eminente pianista, e de Carvalho Oliveira, o rouxinol do norte

EXIJA a audição de um disco Escolha á sua vontade

As ultimas novidades em discos semanalmente recebidos de Paris

PATHE

Avenida da Liberdade, 141-1.ª — LISBOA
Telefone: 3678

CASTELO LOPES, L.ª

Rua das Fontainhas, 20910 — PORTO
Telefone: 2004

MAQUINAS FOTOGRAFICAS DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR
62 — Rua de Santa Catarina — 64
Telefone: 2158 PORTO

Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:
CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62
Telefone: 1013 — PORTO

VISITE o **CLUB RITZ**
R. Fernandes Tomaz, 817
PORTO

Explicndida orquestra «JAZZ»
A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do PORTO e LISBOA
MODICIDADE DE PREÇOS

V. Ex.ª Deseja comprar barato? Elegante? Na ultima moda? EXPERIMENTE E VERÁ!!!

SAPATARIA LAGES
R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos
Preço 1\$00
Á venda em todas as drogarias

COELHO DA COSTA
AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa

Escrever ou falar para a
RUA CHÁ, 129-132 — PORTO
TELEFONES (Agencia 1412 Residência 2187)

“**GARANTIA**”

COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma sc. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a esquadra o seu passado.

SÉDE
Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO (EDIFÍCIO PRÓPRIO)
DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.ª, L.ª da
DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 63 a 71 (EDIFÍCIO PRÓPRIO)

AGENCIA “A PORTUENSE”

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

— Homestidade e competencia —

Fornece-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir
TELEFONE 123
R. do Corpo da Guarda, 17 PORTO

Escudos 3\$00

20 SEMANAS

Os melhores e mais chics chapéus a prestações e com bonus

Inscreeva-se já para esta semana por apresentação ou conhecimento

terá um bom chapéu no acto da inscrição

Chapelaria Portela
Telefone 1776
Praça dos Poveiros, 80 PORTO

Homens & Factos do Dia

reporter

O subórno do mêdo

Por quanto e quantas vezes vendi ou vendemos a alma ao Diabo — foi o poema do nosso «Fausto» do ultimo numero. O subórno! Que terrível e mesquinha e infamante arma!!! Os gases, as culturas de «bacillus», vomitados nas fontes; as balas «dum-dum», as baionetas dentadas, todas as criações dos Edison da Morte, todo esse fanatismo pela guerra que transforma os sabios, os quimicos, não em pequenos deuses combatendo a dôr humana mas sim em Mefistofeles babando-se de gozo pela ideia das dôres e das catástrofes que germinam com a sua sciencia, no templo negro dos seus laboratorios — é mais nobre e mais digno que essa dinamite das consciencias que é o subórno. Os explosivos, as alquimias, as monstruosidades Krupp — matam o inimigo, mas matam tambem os que as usam. É mais leal! É mais justo! É mais humano! O subórno — não! O subórno dá vida ao inimigo e contrata-o, arrebanha-o; destroi-lhe a alma e a consciencia — deixando-lhe o corpo são e apto para todas as ignomias. As monstruosidades da guerra só são nefastas na guerra. O subórno é ininterrupto — e continua a sua obra de destruição na paz. A quimica e a metalurgia de que «Fraulein» Bertha é «ex-libris» produzem uma reacção moralpurificadora. O subórno infecta a humanidade inteira; debilita as resistencias mais blindadas; transforma a Humanidade numa só seita — numa seita de pulhas passivos — mil vezes mais lamentaveis do que os pulhas activos. O subórno torna possivel todos os crimes, legitima todos os vicios; legaliza todas as infamias; castra todas as energias sãs; arrasta para o lódo todas as almas limpas. O subórno paralisa a policia, a justiça; desmoraliza os pais que vêem as filhas violadas; torna cumplices da sua deshonra todos os homens honrados...

Portanto, quando um homem ou um grupo de homens consegue triunfar da offensiva do subórno pode — ou antes podem — orgulhar-se de que estão defendidos contra todas as outras armas de ataque: as balas «dum-dum»; os gases asfixiantes; as culturas de «bacillus» e as melinitas ou himalaites. Vem isto a proposito das «ameaças» que se seguiram ás bajójas propostas de subórno que nos foram dirigidas. Tentaram comprarnos — e debandaram julgando que nós

os tinhamos chicoteado — porque ás vezes cuspinos com tal energia que a nossa saliva castiga as faces como se fosse um látigo... A raiva desses castrados é logica... Caramba! Além de intransigentes eramos imbecis! Recusar assim cinquenta cotos da direita e mais vinte da esquerda — nós, pobretões, que, se calhar, até devidas temos! E se eramos pobres, imbecis e ainda por cima orgulhosos — havia só uma arma para nos flexibilizar a espinha: a ameaça; o mêdo; o terror... Cartas anonimas; esbirros a deitarem-nos olhares de esguelha; valentões bufando; fraldiqueiros gingando á nossa frente; avisos indirectos do «Zé da Sopeira», do «Manel do Alho» e de outros cadastrados com «sobriquet»: «Digam a esses rapazes que lhes havemos de torcer o pescoço...» Fraco trabalho! Torcer o pescoço... E para evitar estudos preparatorios informo-os desde já que uso 35 de camisa. Sim! Estou magrissimo! Os colarinhos 36 ficam-me largos! Se calhar é do mêdo! O Mario Domingues é que usa 37. Os outros variam... Só com uma mão — fazem o serviço a todos nós... Morremos como galinhas! Mas antes como galinhas do que como porcos. Como porcos morrem eles e quem lhes paga o serviço.

Não! Quem resiste á tentação do dinheiro sendo pobre é porque despreza tanto a vida — a vida que eles amam — que não teme a morte.

Reportertizar

Todo o jornal que não tem uma individualidade — não é um jornal: é um fêto. Este tem a sua — e daí, talvez, a vertigem crescente do seu exito. Longe de mim a farronca de que essa individualidade é a minha. Que tão pouco nego que a possua — mas a minha e do «Reporter X» fazem duas: não se sobrepoem nem se confundem. Assim como os filhos que são produtos de dois sangues se combinam, se unificam, na alquimia misteriosa da gestação — este jornal é o produto das individualidades jornalisticas, bem marcadas, dos que participaram e participam para a sua realização.

Mas desse «cock-tail» de personalidades surdiu, (digo, não por vaidade, visto que eu participo com uma minima parcela do meu caracter, mas porque é infosismavel) surdiu, repito, a forma de um espirito novo, sem macaqueação, sem parentesco, sem semelhança... Quizeram varios colaboradores meus designar o processo legitimo dessa forma pelo termo de «reportertizar». «Reportertizar» não é, pois, fazer jornalismo á maneira de quem dirige este semanario mas sim pactuar com o sentido a que o titulo do jornal serve de simbolo pela amalgama das varias personalidades que o compoem.

Assim Paulo Freire quis chamar a sua preciosissima colaboração nesta gazeta de «reportertizar» a politica. Lisongea-me, não como jornalista, mas como director do jornal, tanto a honra da sua prosa como a escolha do vocabulo. De todos os camaradas, já entronizados na gloria da imprensa, que encontrei naquela

Semanário de grandes reportagens e de critica a todos os acontecimentos sensacionais de Portugal e Estrangeiro

Sai aos sábados e é posto á venda simultaneamente em todo o pais

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 25442 — LISBOA
DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
RUA D. PEDRO V, 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3	meses—série de 12 números—Esc.	11\$50
6	» » » 25 » —Esc.	22\$50
12	» » » 52 » —Esc.	44\$50

redacção que me serviu de berço e escola — «A Capital» — quando, ha 17 anos, entrámos nesta vida, é talvez Paulo Freire aquele cujo exemplo mais nitidamente se imprimiu na formação do meu caracter profissional. E eram todos «azes»; e eram todos jornalistas dignos, invenciveis, intransigentes, dos quais recordaremos Adelino Mendes, Avelino de Almeida, Jorge de Abreu, Herculano Nunes, Tito Martins, dr. José Pontes, Virginia Quaresma, dr. Joaquim Manso, Julio Dantas, Sousa Costa e Manuel Guimarães, o maior «mecanico» de redacção que conheci até hoje. Dos mortos — e com que saudades os evoco — Hermanno Neves, Mayer Garção, André Brun, Mario de Almeida... Paulo Freire, pela sua negação a todos os protocolos convencionais, a todos os lugares comuns sociais, pela sua independencia entre tantos que como ele eram, foi sempre, pelo «estilo» de exteriorizar o seu desassombro, o que mais nos animou a seguir a mesma linha de conduta... Dezassete anos passados, eu, que ele acolheu com ternura, quando já era mestre, acolho-o agora nesta tentativa vitoriosa de jornalismo, comovidamente, orgulhosamente, perfilado e deschapelado.

As cronicas que Paulo Freire assina sob o pseudonimo de «Frei Gil d'Alcobaça» e que se iniciam no proximo numero ha-de ter entre os leitores de «Reporter X» o exito que sempre conquistaram e que ha muitos anos, encimadas pelo titulo de «Varias Notas», conquistam no nosso colega do Porto «Jornal de Noticias». Do Norte ao Sul do pais as «Varias Notas» são aguardadas sempre com ansiedade. Os seus «Raios X» no nosso semanario vão, indiscutivelmente, irmanar-se áquelas. E um grande abraço dos «novos» do «Reporter X» a este velho mestre — mestre pelo talento, mestre pela honradez — que a honra tambem é uma sciencia e uma arte!

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O MARQUÊS DE SAGRES

Afivelando a máscara de pessoa de bem. Uma oferta de 50.000 escudos que "Reporter X" recusa—Tentativas de suborno que falham—A moral de um penitenciário à solta—O Marquês calunia vários jornais—Repelindo a afronta



Um aspecto da casa do Marquês



Outro aspecto da casa do Marquês

Causa nôjo remexer em matérias pestilenciais. Ninguém o faz por mero prazer, senão por necessidade higiénica. Foi o que nos aconteceu, leitores, quando tivemos que tocar na vida repelente do Marquês de Sagres, impelidos pela necessidade de arredar aquela podridão que teimava, com viscosa persistência, em postar-se no nosso caminho. Tão enjoados estávamos, eram tão sufocantes as emanações do monturo, que, ao fim do segundo artigo, exposto ao público o que aquela latrina moral rotulada de Marquês continha, resolvemos afastar-nos, apertando as narinas, dispostos a não mais tocar naquêlo estérco.

O homem (?) porém, que em sua consciência (se a tem) sabe que não possui os mesmos direitos sociais que as pessoas de sã moral e alma límpida, quis assumir atitudes briosas e—sempre fiel ao seu instinto de se apossar do que não lhe pertence—agarrou-se à lei de imprensa e escamoteou em seu favor o que ela concede de protecção justa às pessoas honestas ofendidas: enviou-nos uma carta, reclamando o desmentido formal ao que havíamos publicado no nosso primeiro artigo.

A lei obriga-nos—a lei que não sabe que o Marquês da Leitaria é uma pessoa sem escrupulos—a publicar-lhe a carta, e nós publicamo-lha. Publicamo-lha aqui, em lugar de grande destaque, emoldurada em caixilho florido de preciosas verdades, pelas quais—saiba-o o senhor Marquês—não pedimos a mais pequena paga.

Leiam e apreciem a cinica maravilha epistolar do homunculo:

Snr. Director do Reporter X: Ao abrigo da lei da Imprensa, venho pedir-lhe para publicar, nos ter-mos dessa mesma lei, o seguinte:

Tendo sido publicado no ultimo numero d'esse jornal uma entrevista que me é atribuída, venho declarar que é absolutamente falso que eu tenha dado uma entrevista, quer ao redactor Mario Domingos que a assina, e que aliás nunca vi, quer a outra pessoa qualquer.

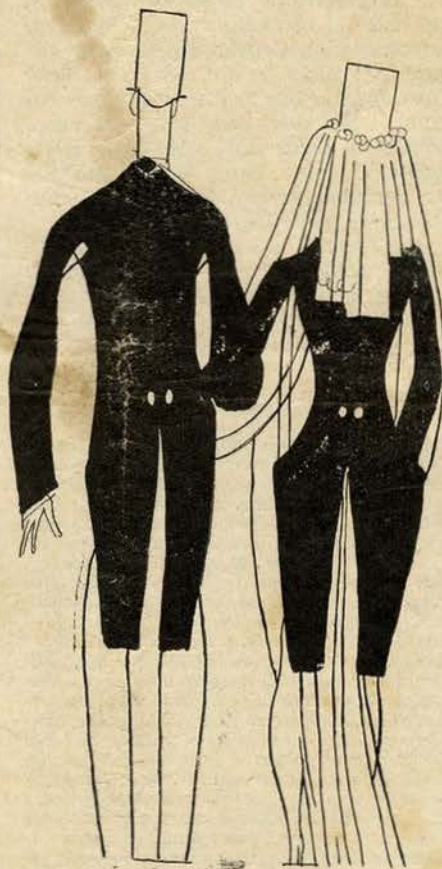
Dito isto, superfulo é acrescentar que todo o palavriado infamante, que me atribuem, é torpemente imaginado por quem quiz insidiosamente vexar-me.

Repilo em absoluto todas as outras insinuações que só pretendem pela calunia difamar-me.

Lisboa, 16 de Setembro de 1930.

Marquez de Sagres

Ora, gastemos mais algumas palavras com este ruim defunto... moral já em



Como muita gente vistora o acto nupcial do Marquês da Leitaria

decomposição; façamos emergir da sombra até à superfície luminosa da publicidade alguns factos que desmascaram esta ignobil criatura, que vem preparando contra nós projectos de vingança, não tão secretos que nós não tenhamos já

conhecimento deles. Arranquemos a máscara a este bandido encasacado, que, habituado a iludir leis e pessoas, a corromper e comprar consciências em seu favor, encontrou pela primeira vez na sua vida Homens pela frente, Homens com H maiúsculo, Homens que não se vendem, Homens que lhe dão agora o correctivo que êle merecia há muito! Desmascaremos, pois, êste pseudo—marquês—que nem Marques chega a ser.

E' ou não verdade que o sr. Marquês de Sagres foi, em uma das primeiras noites dêste mês, chamado ao telefone por um nosso redactor, o sr. Idilio Ferreira, que disse desejar falar-lhe para averiguar a verdade de certos boatos, pedindo-lhe para ser recebido como particular (embora de facto fôsse nosso redactor)?

E' ou não verdade que o sr. Marquês hesitou, dizendo que estava só em casa, sem criado algum naquela noite?

E' verdade ou mentira que o sr. Marquês de Sagres acabou por convidar o sr. Idilio Ferreira a bater discreta, maçonicamente à porta?

E' verdade ou é mentira que recebendo êsse nosso redactor lhe declarou o que nós, Mario Domingues (que efectivamente não tem o desgosto de conhecê-lo) repetimos fielmente no nosso primeiro artigo?

E' verdade ou é mentira que o sr. Marquês, no dia seguinte, fez segunda tentativa no escritório em Lisboa do Reporter X para falar ao nosso estimado Director, sendo recebido pelo nosso Director-Administrador a quem repetiu as promessas financeiras anteriormente formuladas, sendo de novo repellido?

E' verdade ou é mentira que, à saída e diante de todo o pessoal da redacção e administração e de mais duas visitas—que pela sua categoria social são admiráveis testemunhas—se dirigiu sem hesitações ao nosso redactor Idilio Ferreira e confessou reconhecê-lo, dizendo: «Foi êste senhor que já me entrevistou para o Reporter X... Tenho um mêdo dos jornalistas que me pêlo»?

E' verdade ou é mentira ter ouvido da

(Conclui na pag. 15)

Ciúme e vingança

"Mademoiselle" Tango preparou a revolução no Perú

Conta-se como na passada terça-feira, no sud-express, o jornalista travou conhecimento com Carmen Rodriguez, conhecida por Mademoiselle Tango, a bailarina que, por vingança, preparou a queda de Leguia, o ditador do Perú.

O sud-express tem qualquer coisa de taboleiro, de montra de novidades. Nos corredores deste comboio internacional, como nos corredores do

dezoito anos, fôra costureira numa das mais importantes e cantadas modistas da Praça de Maio. Certa noite, noite colorida de musica, pediram-

linda e misteriosa companheira de viagem me está lendo o romance da sua vida, pergunta-me, inesperadamente, se Lisboa ainda está muito longe. Não. E informo:

— Estamos em Campolide. Daqui a cinco minutos.

Ela levanta-se, toca com cuidado no chapéu, e, depois, sentando-se, diz-me:

— Em certa altura, a minha vida deixou de ser um riso para ser uma lágrima! Eu e o meu companheiro, por imposição d'ele, voltámos a sua pátria ao Perú. E foi então que o filho de Leguia, o Presidente da Republica peruana, cometeu o crime de me deixar viúva... Chorei e jurei vingar-me!... A hora da minha vingança foi marcada há pouco tempo...

Nesta altura, refreando os travões, o sud-express estava no Rossio. Ouvem-se pregões, réclamos hoteleiros: Avenida-Palace, Hotel de Inglaterra, Francfort-Hotel, Metropole... A minha companheira chega à janela, e chama um dos corretores que tinham cantado um daqueles hotéis... Atirou-lhe com as malas. Depois, volta-do-se para mim, disse-me:

Como teria sido vencido, afinal, o ex-empregado de seguros que teve a ousadia de se elevar a Presidente da Republica do Perú?

Como um ciúme de mulher incendia uma revolução

Pouco depois das dez horas da noite, um bilhete fazia-me anunciar à minha companheira dessa tarde. Veio um groom, seguiu-o, e, no primeiro andar do hotel, entrei num quarto.

— Julguei que não vinha.

— Perdôe-me se com a minha demora lhe dei ensejo a que tivesse esse receio...

Desculpei-me, sentando-me numa cadeira que me apontava Carmen Rodriguez, a mulher que uma parte da Europa e New-York conhece por Mademoiselle Tango. Logo de entrada, o nosso diálogo caiu sobre a ultima revolução do Perú. Eu queria saber pormenores da causa revolucionária. Mademoiselle Tango, protagonista da revolução, disse-me imediatamente:

— Eu e o Rei do Tango, meu companheiro, que era, como já lhe disse esta tarde, peruano, entrámos em Lima, a capital, em Janeiro deste ano. Estavamos contratados para uma série de espectáculos em certo teatro. Nas vésperas do primeiro espectáculo, por volta da meia-noite, entrámos no cabaret Fauno. Pedimos dois cock-tails. Momentos depois, entrava no referido cabaret o filho de Leguia, tão tirano como o pai, o tirano-chefe. Sentou-se numa mesa em frente da nossa. Dois minutos depois, enviava para a nossa mesa uma garrafa de champagne. Agradecendo, delicadamente, regeitámos. Ele, contrariado com a nossa resposta, levantou-se e, com modos bruscos, veio direito a nós, e, fitando severamente o Rei do Tango, intimou-o a beber o champagne. Ele, ainda delicado, disse que não podia aceitar... Então, o filho de Leguia, alcoolico e colérico, esbofetou o Rei do Tango. Depois, não contente ainda, mandou-o prender... Ao outro dia, procurei saber em que prisão estava o meu amante. Responderam-me: «Foi fusilado». Ah! Fiquei doida de dor. Jurei vingar-me... Era bem evidente que o filho de Leguia me desejava... Tornei-me sua amante... Procurei o pai, atraí-o e fui também amante dele... Ah! Era necessario este horroroso sacrificio para que a minha vingança fôsse uma tragica verdade. Pai e filho, os



O ex-presidente Leguia e o palácio presidencial em Lima

Simplex-Orient-Express, há sempre uma celebridade, há sempre uma vida-cartaz, uma vida transformada em assunto palpitante do dia.

Na passada terça-feira, o sud Porto-Lisboa, desde a estação de partida, vinha quasi repleto de caras célebres. Um escritor da Academia, um aviador de nome decorado em toda a nação e, mesmo em frente a mim, uma mulher tipo cosmopolita, uma dessas mulheres cinematográficas e misteriosas, que fazem da vida uma novela em fragmentos. Quem era? O comboio voava ao longo de Espinho quando eu me affinetei com essa pergunta. Tinha uns restos de fidalguia no rosto e, quando atirava os olhos sobre o filme da paisagem, notava-se-lhe um cansaço fundo no arfar do peito. Estavamos já vizinhos da Pampilhosa, quando, no momento em que eu ia acender um cigarro, ela, num movimento rápido, abrindo uma cigarrreira de ouro, tirou, tambem, uma cigarrilha. Pediu-me lume... Falou-me num espanhol doce e rápido, deixando-me a impressão de que era da America espanhola. Quem era aquela mulher? Não tive tempo, porém, de responder à minha pergunta intima... A chama débil do meu fósforo tinha-nos apresentado... O resto já não era muito difficil. E começámos, então, falando de coisas futeis, dessas coisas que são o começo de diálogos entre desconhecidos, em viagem, e vim a saber...

A novela banal de M.^{lle} Tango

A minha companheira de viagem era, de facto, da America espanhola. Nasceram em Buenos-Airés. Até aos

lhe para dançar um tango com certo rapaz peruano, conhecido pelo rótulo pomposo de Rei do Tango. Carmen Rodriguez, assim se chama a minha companheira do sud, aceitou. Abriu-



Carmen Rodriguez, conhecida internacionalmente por «Mademoiselle Tango»

se, então, para ela o caminho da riqueza e da celebridade. Pelo Braço do Rei do Tango, entrou nos mais difíceis palcos da Europa e de New-York. No momento em que a minha

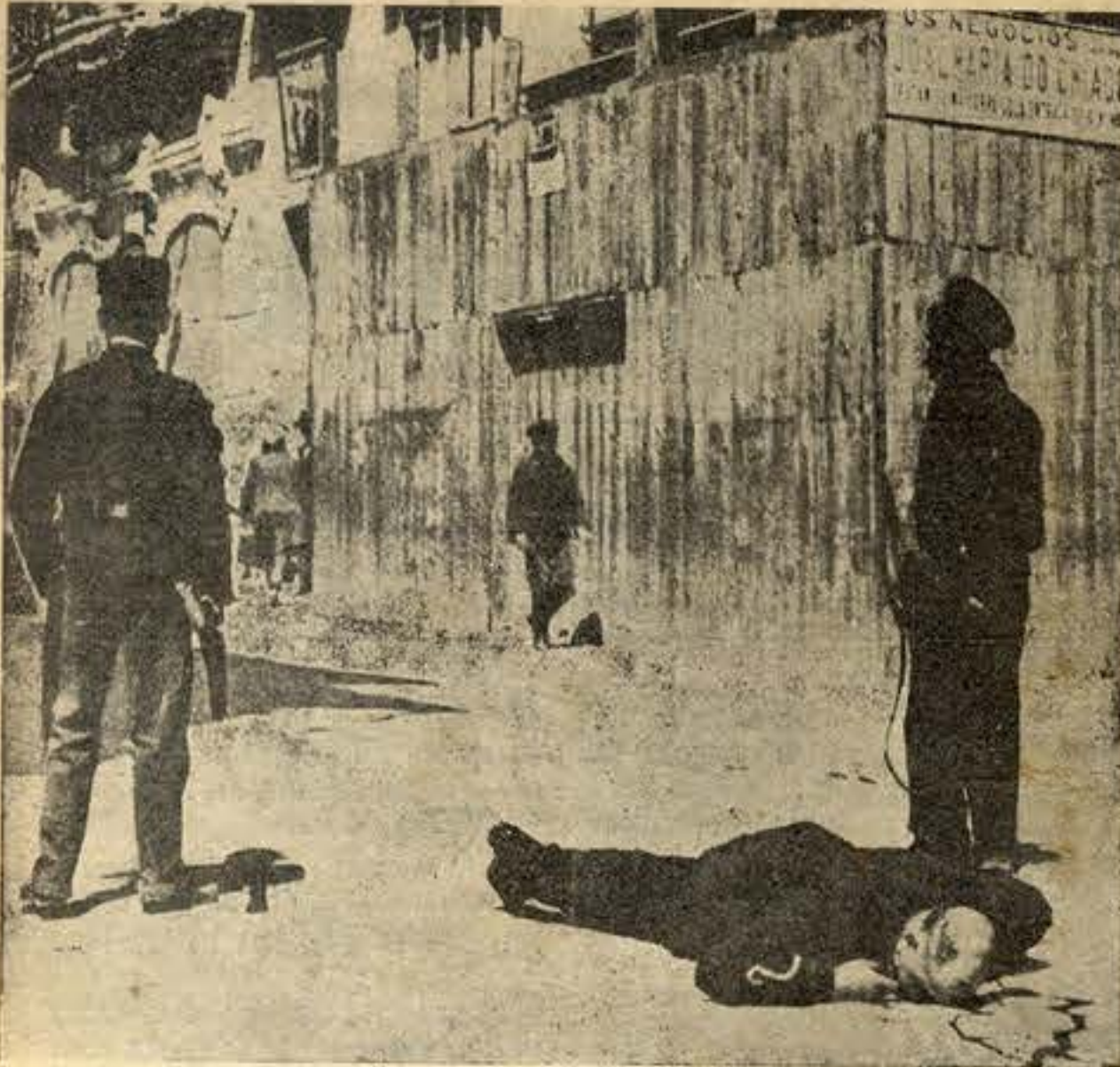
— Apareça logo á noite, no hotel. Podemos falar da queda de Leguia, o tirano do Perú. Não falte...

Despedimo-nos. E aquela promessa fez-me crescer água na bôca...

(Conclui na pag. 14)

Como se faz escravatura branca em Portugal

Uma organização de traficantes internacionais de mulheres — O que se descobriu em Varsovia e em Barcelona — O que um jornal estrangeiro disse sobre o assunto — O acaso traz-nos uma pista — Como se reduzem as almas ingenuas — Uma megera que quer entrar no negocio — Uma indicação altamente preciosa



Reprodução de uma antiga fotografia de Garcez publicada na capa do *Detective* de 22 de Maio deste ano

Desde há muito tempo que estamos convencidos de que, sendo Lisboa o porto europeu mais próximo da América Latina, era impossível que as grandes organizações internacionais e secretas de tráfico de brancas — que se dedicam ao ignóbil comércio de mulheres para prazer — aqui não tivessem estabelecido ou a sua sede ou as suas mais importantes filiais.

Esta nossa suposição não podia ter outra base senão... a própria suposição, visto que nos escasseavam por completo dados positivos que nos conduzissem à verdade concreta. Mas era bem lógico o nosso cálculo. A América Latina, a Argentina, principalmente, luta com uma grande falta de mulheres. Enquanto na Europa quasi todos os países contam com a sua abundância, nos países das Americas espanholas dá-se precisamente o contrário. Daí a sua procura — a ávida procura da fêmea — agravada por um ambiente de riqueza, de dinheiro que tudo vence e compra.

Com essa falta de mulheres há quem negocie e faça fortunas fabulosas. Verdadeiras sociedades comerciais se organizam secretamente na Europa e na América para o comércio de mulheres. Engajadores secretos andam pela Europa à caça da mulher — de preferência a ingénua, nova e honrada — e, com mil promessas de felicidade e de riqueza fácil, exportam-na para os seus agentes — a consignação como qualquer mercadoria. E esses agentes colocam-na nos bordes secretos de Buenos Aires ou nas casas suspeitas do Rio de Janeiro.

Os *mangeurs de blanc*, os *caftans*, os engajadores de mulheres, na Europa, recrutam-se em todas as nações e em todas as posições sociais. Há labrego de aldeia, de comissões escassas, que enton-

jante de primeira classe na companhia da esposa, matrona respeitável que coloca mulheres de certa distinção nas casas luxuosas das grandes capitais sul-americanas.

Aqui, pelo nosso porto, têm passado muitos desses sujeitos distintos, com um ar de grandes homens de negocios que mobilizam avultados dinheiros em formidáveis *trusts* americanos. Temo-los visto, a bordo do *Almanzora* ou do *Cap Polónio*, baforando o fumo dos seus charutos, num ar tranqüilo de pacatos burgueses, como se suas mãos estivessem limpas, como se não houvessem praticado o crime mais repugnante do nosso tempo.

REVELAÇÕES PRECIOSAS DE UM ESTRANGEIRO SOBRE A TRAFICÂNCIA EM PORTUGAL

O jornal *Detective* de 22 de Maio deste ano, caído por acaso sob a nossa vista, veio iluminar em cheio o que em nós não passava de imprecisa suspeita de uma organização portuguesa de traficantes de carne branca.

Assinado pelo grande reporter Paul Bringuier, publicava esse número um importante artigo intitulado *Mercados de Mulheres*, fazendo largas referências a Portugal.

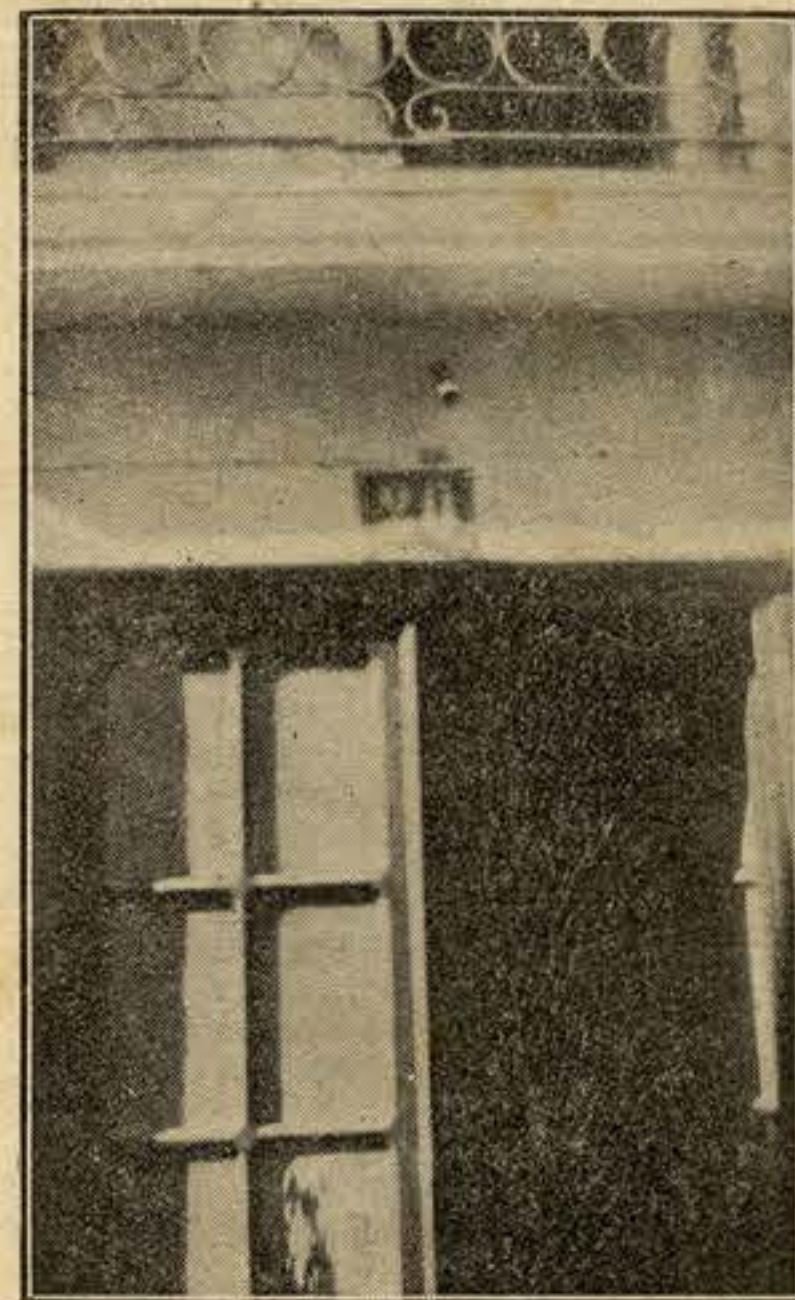
Logo no começo desse artigo, contava Paul Bringuier que no Renina Hotel de Varsóvia havia sido detido um tal Pedro Costa. Era este acusado pelo irmão de uma costureira de a ter, com sua mulher Conceição Costa, também presa no Hotel Colas de Barcelona, desencaminhado para a prostituição na América do Sul.

Na bagagem de Pedro Costa foram encontradas algumas cartas escritas à

máquina em papel timbrado, com os seguintes dizeres a vermelho: *Sociedade Transatlântica*.

A Sociedade Transatlântica não passava do disfarce de uma famosa sociedade secreta de tráfico de brancas para a América do Sul.

Revela ainda o ilustre reporter do *Detective* — e é isso que muito interessa aos portugueses — que tinha havido em Portugal um homem, um habil chefe de polícia, que, procedendo a investigações recatadas mas firmes sobre os traficantes e tendo na sua mão pistas seguras que conduziriam a polícia de vários países à descoberta das mais importantes organizações de *caftans*, foi súbitamente suprimido em uma revolução, em Lisboa, pelos traficantes que, misturados com os revolucionários, se aproveitaram da confusão da revolta para o vararem a tiro em plena rua e em pleno dia. Publica o mesmo jornal a fotografia desse chefe de polícia português — que era nem mais nem menos do que o chefe Barbosa, morto pelo 14 de Maio. Essa fotografia, bem conhecida dos portugueses, reproduzimo-la hoje a acompanhar as nossas considerações.



A casa da Aninhas era no número 20

Até que ponto serão verdadeiras as revelações de Paul Bringuier?

Haverá em Portugal, sob a designação de Sociedade Transatlântica ou qualquer outra, uma organização de *mangeurs de blanc*?

Foi o que, a partir da leitura desse artigo, nos dispusemos a averiguar. E os nossos leitores vão, disfarçados como nós, penetrar em alguns meios corruptos portugueses; vão conosco inquirir, investigar e juntar sobre este assunto tenebroso todas as notas que possam esclarecer a verdade.

UM CURIOSO ENCONTRO EM UM COMBOIO E AS SUAS CONSEQUENCIAS

Há tempos, já depois de termos lido os sensacionais revelações de Paul Bringuier no *Detective*, conversando com um amigo sobre este misterioso assunto, contou-nos ele uma peripécia que nos colocou na primeira pista da escravatura branca em Portugal.

Viajando no comboio do Norte, esse nosso amigo fixou a sua atenção na única pessoa que seguia no mesmo compartimento desde a estação do Rossio.



Vais á rua da Rosa, procuras a Dona Carlota...

Era uma mulher bem vestida, nova ainda, quasi bonita, carnuda, mãos ornatadas de joias, mas adivinhando-se-lhe no todo uma proveniência ordinária. Durante alguns momentos não trocaram uma única palavra. Foi ela quem rompeu subitamente o silêncio com uma exclamação de desagradável surpresa.

Dera por falta de um brinco. Não sabia se essa joia lhe teria caído no comboio, se a teria perdido na rua, em Lisboa. No entanto esquadrinhava o pavimento da carruagem. O nosso amigo, solícito, auxiliou-a na pesquisa. Por fim, cansados de procurarem o brinco inútilmente, retomaram os seus lugares, e, aproximados por aquele incidente, enfronharam-se em um daqueles começos de conversação inspidos, futeis, que em viagem levam, por vezes, às confissões mais íntimas.

Em determinada altura, o companheiro de comboio inquiriu dos motivos da viagem e ela, já confiante no amavel passageiro de ocasião, baixando a voz, confessou:

— Sou de Santarem, mesmo muito conhecida em Santarem. Tenho uma casa de pouca permanência naquela cidade e vim a Lisboa, à minha fornecedora, contratar mulheres.

Não fez o nosso amigo grande caso desta confissão, apenas por ela se limitara a confirmar a proveniência ordinária e reles dessa mulher que não sabia sequer disfarçar-se sob as joias e o vestido caro, mas deselegante.

Em Santarem, essa mulher, ao desejar-lhe boa viagem, entregou-lhe à despedida um cartão, que esse nosso amigo leu e deitou fóra. No entanto, duas indicações-preciosas ele fixara — o primeiro nome da mulher e a rua onde morava: Aninhas, rua da Linheiras.

Era para nós uma pista mais do que suficiente. Poucos dias depois desta conversa, o autor destas linhas e seu amigo embarcaram no «rápido» da manhã para Santarem.

NA RUA DAS LINHEIRAS — A MIRAGEM DA FORTUNA NOS PAÍSES LONGINQUOS

Pouco depois das dez horas da manhã, o redactor do *Reporter X* e esse amigo, que viajara com a megera e facilmente a reconheceria, encontravam-se na rua das Linheiras, em Santarem, o nariz no ar,

farejando onde seria a casa da Aninhas. A rua das Linheiras é uma velha rua, tortuosa e recolhida, para onde os scalbitanos honestos arremessaram a escória



A Aninhas da rua das Linheiras, de Santarem

social daquela cidade. A maioria daquelas casas baixas e velhas, que em regra não vão além de primeiro andar, é habitada por cortezãs de baixo estôfo, algumas delas de aspecto repugnante, que vivem a miséria e embriaguez dourada da prostituição.

Como descobrir entre tanta mulher precisamente a que nos interessava? Não nos foi difícil. Um guarda civico — o 47 — passeava encalmado e aborrecido pela rua inundada de um sol violento, sufocante. Preguntámos-lhe discretamente, invocando a nossa ignorância de forasteiros, onde era a casa da Aninhas. Era ali perto, no número 20.

A própria Aninhas veio abrir a porta, estranhando visitas tão cedo. Já não se recordava do nosso companheiro, que afectava uma grande alegria em a encontrar. Avivámos-lhe a memoria citando o caso do brinco que ela se lembrava muito bem de ter perdido, e a confiança acabou por se estabelecer durante a ávida absorção de umas cervejas que se mandaram buscar — porque fazia um calor brutal.

Depois, em um momento próprio, o nos-

(Continua na pag. 15)

Os "discretos" miseráveis de Lisboa

«Satan conduit le bal...» — O meu ficheiro — O lote gigantesco — O simpático e galante moço... — Alfredo ri, Alfredo diverte-se, Alfredo filho amantíssimo — A velha do olhar gelado — O mais estranho dos «souteneurs» — O fim da carne — A nova ignomínia — O homem das decorações — O elefante branco, o dragão vermelho e outros animais rendosos — Influências diplomáticas com tábela fixa — A tragédia eterna — A burla — O cigano nocturno — Fatalistas — A arte de deduzir — Uma refeição com Augusto Cruz — O grupo misterioso — O «Seculo» em quatro — 80 + 400 — O casamento escandaloso — A velha dos 90, o marido e as luvas — O manicómio e o «cabaret»

ESTA reportagem sobre os «discretos» ou «pequenos» miseráveis de Lisboa — pequenos não no tamanho posto, que todos eles são adultos, emancipados e vacinados — mas sim porque a ignomínia das suas existências, ocultas e crapulosas, não atingem a grandiosidade desses crimes capazes de electrocutarem os nervos do público — nasceu, espontaneamente, dum «dossier» hipertrofiado de assuntos, ao tentar metodizá-lo. Desembaralhei todos os apontamentos em pequenos lotes — e ao terminar o balancei notei que enquanto um deles se agigantava os outros quedavam-se como liliputianos. Era precisamente esse o lote que enjaulava as fichas dos «discretos» canalhas — dos que, por mesquinhez, covardia e vaidade hipócrita e não por escrupulos ou falta de vontade, limitam a sua ganancia e abdicam da glória de serem «grandes miseráveis».

São tantos, tantos... E tão poucos me é permitido exibir hoje. Mas deixá-lo... Pela amostra se vislumbra o que será o cortejo desta parada infamante...

O FILIAL «SOUTENEUR»

Alfredo C. Rodrigues (este nome ou outro que os leitores quiserem) é um desses rapazes modernos que conseguem o milagre de se insinuarem até no espírito dos «botas de elastico». Culto, inteligente, optimista, delicado — a sua companhia e a sua palestra e o seu sorriso agradam; dispõem bem. Toda a gente o conhece. Tenho a certeza que tu, leitor, tam-

bem o conheces. Queres ver? Alfredo C. Rodrigues aparece em todos os cafés; em todas as «premieres»; em todos os «dancings». Diverte-se sem grandes esbanjamentos. Tem uma mancha violeta na face esquerda e um amigo, conquistador de coristas do Parque Mayer, que possui um «Ford» moderno, que ele, Alfredo, guia muitas vezes. Os únicos fracos de Alfredo são a roleta (frequenta muito as «zonas») e o pouco amor ao trabalho. Desde que saiu da escola, ainda o pai era vivo, não obteve emprego. É pouco crível que anteriormente o tivesse feito. Levanta-se tarde, gosta de se apanotar e de comer bem. Não se embriaga nunca. Possui além disso uma virtude comovedora. O seu entranhado amor filial. Quando fala na mãe os olhos perlam-se de lágrimas; e ao referir-se a ela chama-lhe «minha querida mãesinha»...

Alfredo vive sózinho para as bandas de Campolide, ninguém sabe ao certo onde; vai algumas vezes ao Porto — visitar a mãe. Ao que parece ela, que é viúva dum empregado do comércio, foi recolhida em casa duns parentes afdalgados e ricos, e é desses parentes que vem o dinheiro que permite a inofensiva mandriice do simpático Alfredo. Recordo-me que, ha cousa de um, dois anos, vi subir a Avenida uma senhora de idade, trajando com uma modestia decente. A sua fisionomia impressionou-me. Havia nos seus olhos um esparto de dor ou medo fixo, perpetuo, gelado. «Tem graça — disse alguém que me acompanhava. É a mãe de Alfredo. Está em Lisboa. Naturalmente veio visitar o filho». A noite,

no café, referi-me ao encontro. «Devia ser a minha santinha. Coitada... Apanhou uma aberta e veio visitar-me.» Seria impressão minha? Dir-se-hia que Alfredo a custo reprimia uma profunda contrariedade.

Isto foi ha dois anos. Só ha dias é que eu soube aqui no Porto o segredo prático que oculta a existência do simpático Alfredo. Passei por certa rua tortuosa e mal habitada, das cercanias da Trindade, e com espanto, mas com espanto tal que me fez supor que eu cegara ou enlouquecera, espreitando por acaso para um portal, vi a mesma dama idosa do olhar angustioso, trajando o uniforme inconfundível de gerente de bordel, cercada por duas pupilas de trajo também inconfundível — discutindo as três com uma peixeira...

Asfixiado, indignado comigo mesmo por julgar ter suposto injustamente a mais pantanosa ignomínia, não dormi enquanto não filtrei toda a verdade... E soube então... — o que eu soube então!

O simpático Alfredo, educado entre mimos de príncipe herdeiro, exigia da mãe, quando a viuvez e a miséria não tinham ainda arruinado por completo a beleza que fôra, que se vende, que se prostituisse, que descesse á busca de homens pelas ruas sombrias — para que nada faltasse á sua mandriice viciosa. Mas um dia a mãe, que abafara até os berros da sua propria honestidade, para cumprir, como escrava, as ordens do filho, teve de desistir da sua profissão. A velhice rematara, rapidamente, sob o halito de inferno daquela profissão, a sua obra destruidora. Não havia já quem comprasse os seus beijos — mesmo quando ela procurava as ruas mais sombrias do Porto. E isto precisamente na época em que o simpático Alfredo estilizava os seus luxos e os seus prazeres e exigia uma maior receita. Espancou a mãe — como os chulos espancam as amantes. Mas depois reflectiu, concluindo que mais valia uma ideia util, embora mais infamante ainda do que uma violencia vã, embora mais saborosa para os seus instintos de monstro... Tinha amigos que ignoravam a imundície da sua alma e da sua vida. Como fôra sempre pontual nos pagamentos — pudera! — negociou um emprestimo e com ele montou um bordel, obrigando a mãe a chefá-lo, a administrá-lo, a dirigir a venda da carne humana a retalho, para que o seu bolso estivesse sempre cheio. E como é prudente e vela muito a sua boa reputação — achou preferível mudar de terra; ir para Lisboa gozar os frutos da sua obra. A pobre mãe

tentou, pela primeira vez, resistir á vontade do filho... Era preferível para a sua consciencia sempre limpa, apesar de tudo, vender-se a si propria do que mandar outras a essa venda... Repugnava-lhe menos o seu sacrificio do que o trafico com a carne alheia. Chorou, suplicou, ajoelhou-se — tudo inutil. Teve que ceder... E ha já cinco anos que isto dura...

Uma noite em que Alfredo, estando no Porto para fiscalizar a escrita, cometeu a imprudencia de deixar a porta de uma sala aberta, foi surpreendido por alguém no preciso momento em que recolhia o produto do negocio. Esse alguém, intrigado, interrogou a dona da casa. «Este rapaz foi quem me emprestou dinheiro para eu me estabelecer e eu acabo de pagar-lhe a ultima prestação. É um bom amigo nosso. Por sua vontade já eu tinha acabado ha muito com este negocio!» A pobre velha, com medo que pudessem supor que o miserável era seu filho — negou-o!

Ah! que enormes que são os «pequenos e discretos miseráveis de Lisboa». E se Alfredo me lê — que me lê pela certa — saberá agora o motivo porque, sendo ele tão simpático, lhe deixei de apertar a mão. Mas se um dia encontrar a martir que lhe deu a vida e a quem ele deu a pior das vidas — beijá-la-ei como se beijam as imagens sagradas...

O HOMEM DO BOTÃO ENCARNADO

Vejo-o passar todas as tardes, frente á «Brasileira» aparentando fadiga espiritual de sabio que se liberta de uma longa clausura de laboratorio. O cabelo, que foi ruivo, embranquece nas fontes; as faces escaveiradas têm uma palidez brilhante, envernizada e distinta. Olheiras de noctívago. Um botão vermelho a sangrar na lapela. Legião d'Honra francesa? Cruz de Cristo? Merito intelectual de Columbia? Ha mais de doze anos que o conheço igual, sem um reflexo a mais dos anos que passam, sem a variante de um detalhe de porte ou de toilette. Dir-se-ia que nasceu já assim e que assim morrerá, de monoculo, chapéu alvaído e luvas — daqui a muitos seculos. Cumprimenta para a direita e para a esquerda e trata por tu muita gente; e entre esta, alguns amigos; e entre estes o professor do liceu, o dr. C. M. Durante um longo periodo de alguns meses não vi passar, á hora do costume, o homem

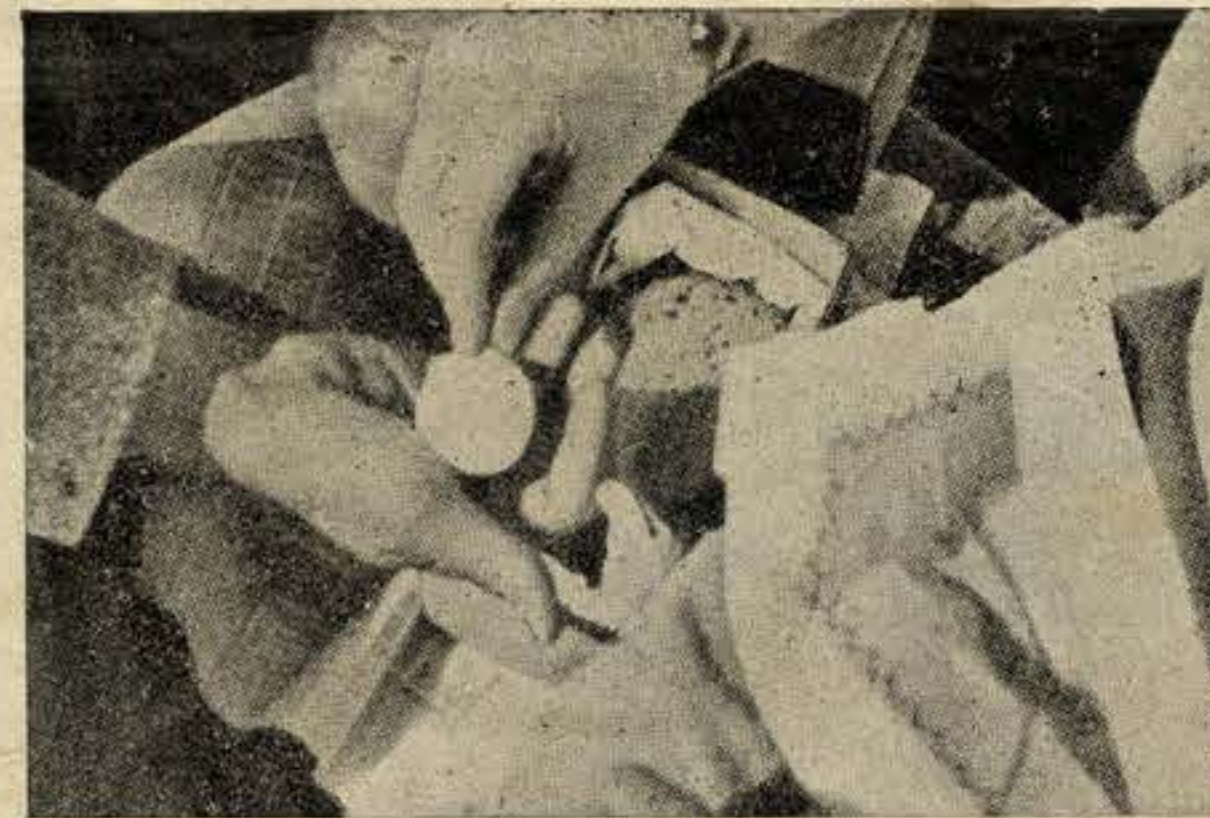
do botão vermelho. E nunca mais teria pensado nele se não reaparecesse por fim — tão igual a si mesmo, como sempre o conheci. Foi então, por eu o ter comentado á sua passagem, que o dr. C. M. me contou o segredo deste «pequeno miserável».

«Como todos os da sua fauna, o «homem do botão vermelho» odeia o trabalho e ama o luxo, os prazeres, as comodidades. O dilema é de difícil resolução — mas ele, como os outros, foi obrigado a resolvê-lo pelo caminho mais simples... O seu primeiro negocio não deixava de ser pitoresco. Era «distribuidor» de condecorações. Filho de boas familias frequentava certa sociedade d'alta burguesia na qual se relacionava com novos e velhos ricos e vaidosos de toda a especie. A meio da palestra arranjava pretexto para anunciar que, graças á sua influencia, conseguira para Fulano (nome fantastico) a condecoração do «Elefante Branco» ou do «Dragão» da China. Os que o escutavam, agitavam-se, ambicionando também uma condecoração. Logo que o encontravam isolado, tuteavam-no. Seria muito difficil aarranjar-se

sidade de tantos milhares de pesos, ou piastras ou dolares para «certas despesas»... E o cliente caía, todo alvorçado...

Novo intervalo; novas cartas ou bilhetes de visita em que o «homem do botão encarnado» era tratado com todo o respeito pelos politicos e diplomatas daqueles países, novos pedidos de dinheiro. Quando via que a carteira do «cliente» ameaçava fechar-se, aparecia a condecoração. O condecorado rejubilava, premiava-o, e o homem ia á procura de outro imbecil, endinheirado e vaidoso.

«Este negocio estava montado a sério. Ele possuía um arquivo completo de papeis de carta timbrados, bilhetes de visita, carimbos, etc.; mandava imprimir folhas de fantasticos «Diarios de Governo» dos vários países e nos respectivos idiomas — para que o convencimento dos condecorados fôsse completo. E levava a sua ousadia ao extremo de mandar para os jornais a noticia de que o sr. Fulano fôra condecorado pelo governo da Columbia ou da Bolívia. Chegou a fazer uma bela



Alguém vira pela porta entreaberta e embolsa a colheita da noite

uma comenda — mesmo que fosse dum animal mais pequeno do que o paquiderme do Sião? O nosso homem sorria e prometia, com um sorriso, os seus favores e as suas influencias. Tempos depois mandava chamar o vaidoso que queria ser condecorado, exhibia-lhe cartas timbradas da Legação do Peru, ou bilhetes de visita do ministro de Cuba em Bucarest ou cartas particulares do presidente de Venezuela na qual se respondia ao «pedido feito anteriormente» mas em que se falava também na neces-

receita com esta inofensiva «escroquerie»... Mas por fim, como sucedia com as reliquias do Teodorico, do Eça de Queiroz — havia demasiadas condecorações para uma nação tão pequena como Portugal. Os clientes rareavam e ele aumentava sempre os seus gastos. Quis mudar de genero. Havia uma pobre familia que estava tentada com a emigração para os Estados Unidos, onde tinham parentes operários a ganharem jornais de doutores. O «homem do botão encarnado» ofereceu-se para os «me-

ter» na America do Norte. Os desgraçados venderam tudo quanto possuíam para lhe entregar os quarenta contos exigidos. Ele apenas lhes arranjou — o que era facilissimo — passaportes para o Mexico, dizendo-lhes que logo que de se embarcassem naquela republica seriam procurados por um amigo dele, da legação americana, que os conduziria até á fronteira. Já se vê que eles esperaram em vão por esse diplomata; e como tudo quanto tinham fôra entregue a este «cavalheiro» e como o Mexico não é os Estados Unidos, passaram fome, miséria, desbaratando-se aquele sonho numa tragédia. Basta dizer que, de cinco que eram, apenas um conseguiu regressar á pátria e com a saude abalada. Mas o «homem do botão encarnado» é hábil e prudente. Conseguiu toda aquela obra miserável sem lhes revelar a sua verdadeira personalidade. Quando o pobre burlado procurou em Lisboa o sr. Conde Z..., titulo sob o qual ele se lhes apresentara — ninguém soube indicar-lhe a morada. Mas não quis o Destino que este crime ficasse impune. Uma noite, á saída dum teatro ou dum «cabaret», o «homem do botão encarnado» sentiu uma vontade imperiosa de fumar. Tinha cigarros e não tinha foforos. Olhou á volta e não avistou nenhuma tabacaria. Nesse instante cruzava-se com ele um indivíduo em cujos lábios brilhava a brasa rubra dum cigarro. Dirigiu-se-lhe e pediu-lhe lume. O outro deu-lhe mas, ao ver-lhe o rosto, ficou-o com olhar estranho. O nosso homem não deu por isso — nem pelo facto de ter sido seguido até casa. No dia seguinte queixava-se á policia — denunciando o verdadeiro nome do burlão sem consciencia. Foi preso, mas — milagres da nossa terra — o seu nome saíu tão estropiado em todos os jornais que ninguém ligou o nome á pessoa... Houve realmente quem, como eu, estranhasse a sua ausencia — mas longe de todos a ideia da verdade.

— Pois o «homem do botão encarnado» — rematou o dr. C. M. — acaba de sair da Penitenciaria, onde passou longas férias; mas, como vê, nada perdeu nesse interregno: nem a elegancia nem as amizades, nem a boa reputação, nem o monoculo ou as luvas ou o botão encarnado... nem o hábito de viver sem trabalhar e de ganhar a vida sem escrupulos... Já me constou que anda agora num negocio de sélos...

AS LUVAS DE OURO

Sem basofiar de «vedette» na arte de «deduzir», á laia de certos «sherlocks» de novela que descobrem, pela cor da saliva, que Fulano comeu, ao almôço, ovos «à russe» — concluindo que foi Fulano quem roubou o «diamante azul» só pelo facto de



O outro deu-lhe lume; mas ao reparar no rosto do homem das botas vermelhas, fitou-o com estranho olhar

ter comido ovos — confesso possuir alguma agilidade para essa acrobacia de raciocinio. Nunca perdi tempo a profundar a sua mecânica nem a exercitar-me. Como o Mr. Jourdain, de Molière, que falava em prosa desde pequeno, sem o saber — pasmou muitas vezes ao ver confirmadas pelo acaso as profecias que eu subconscientemente disparara, queimando a polvora dum detalhe microscópico, observado de esguelha. A engenhoca mental com que radiografei os «discretos miseráveis» deste capítulo pertence a essa produção, «made in...».


A data não interessa. Foi ha pouco tempo. O meu amigo Augusto Cruz, comerciante da rua Sampaio Bruno, no Porto, que viera á capital pulverizar uma «escroquerie» que certo chantagista elegante esboçara contra amigos seus e contra ele proprio, desapareceu-me da minha banca de trabalho para comermos junto. Um «taxi» expatriou-nos do bulicio e do cerco dos «ilustres conhecidos da City» — para freinar frente ao restaurant do Campo Grande. Aplaudi a ideia. Refugio predilecto de amantes clandestinos ou em lua de mel e de enfiados da cidade, conserva as grandes salas desertas, á semana — visto que a sua-clientela prefere os pequenos e discretos salões.

Pouco depois de abancarmos — entrou no restaurant um grupo de sujeitos uniformizados de burgueses de primeira classe. «Grupo» não é bem o termo. Cada um deles avançou sosinho, circunvagando a vista, relanceando o olhar por todos os cantos, com cautelas e prudências — e só se reunindo num gabinete onde então formaram «grupo». Conhecia vagamente dois desses individuos — mas ignorava os nomes e as profissões. Recordava apenas ter ouvido alguém tratá-los por «senhores doutores». Em quê? Em direito? Em medicina? Em matemática? Em... dentes? Fôsse como fôsse — algo me alarmou neles e me obrigou a vigiá-los sempre que os creados se esqueciam de fechar a porta... Um

(Conclui na pag. 14)



Logo que Margot ficou só á mesa — fui sentar-me a seu lado, perguntando-lhe com affectado desinteresse...



Reumaticos

Artríticos

Vítimas do ácido úrico

Curam-se com Urol

Recomendado e usado pessoalmente pe-
los médicos Portugueses e Brasileiros



Diabetes

Furunculos

Doenças dos intestinos

Doenças de pele

Curam-se com Fermento d'uvas Formosinho



FARMACIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18--LISBOA



UM BAIRRO CHINÊS

À busca de local — A visita dos «chefes» à Mouraria, a Alfama e a Campolide — A proposta feita aos senhorios desses bairros — Será Alfama o local preferido? — As reportagens de Kessel — «China-Town» de S. Francisco — O traidor castigado — As seitas — O bairro chinês de Paris e o banqueiro de Hong-Kong — A sentença de morte

Dissemos no último artigo que os chineses, ao estabelecerem-se, preferem os locais sordidos, as casas encardidas e velhas que eles embonecam e remendam com fachas de pano sarapintado de caracteres e dragões policromos; as atmosferas fétidas... É uma espécie de nostalgia da pátria, dos leitões dos rios que secaram em pantanos onde apodrecem, sob pontes recurvas e amarelas, cadáveres de cães e de crianças... Assim como os ingleses, na opinião gráfica e scintilante de Eça de Queiroz, constroem pequenos Londres, com os seus «homens» mui brancos, os seus jardins axadrezados, os seus campos de «tennis», em toda a parte para onde se exilam — seja no interior de África, seja no extremo sul da América — os chineses constroem pequenos Tsi-Tsan ou minúsculos Fun-Chin, com os mesmos enxurros que fazem das valetas esgotos de imundícies e cujo cheiro agoniante eles asqiram como o perfume da pátria...

No ano passado, estando nós em Lisboa, em dia ameno e escolhido para repousar, deparou-se-nos no Largo das Duas Igrejas, um grupo de chineses sem o mínimo contacto com os que nos abordam nas ruas, com os estendais de bugigangas. A correcção do seu porte, a elegancia dos seus trajes, o brilho dos seus anéis — despertou-nos a curiosidade. Seguíamos o mesmo caminho e tomámos aqueles indivíduos por turistas ricos, despejados por algum barco vindo do Oriente!... Mas por duas vezes, do Chiado ao Rossio, observámos que os chinas, vendedores ambulantes, se perfilavam quasi á sua passagem e que os do grupo se lhes acertavam, monossilabando-se curtas e indecifráveis conversas entre eles. Este detalhe e a recordação do aparecimento de outros chineses gémeos, na aparência, a estes pseudo-turistas por ocasião do crime do Hotel Franco — levou-nos á suspeita de que eram os chefes da caravana. Mais um motivo para não nos despistarmos deles. Foram direitos á Mouraria e durante mais de uma hora sirandaram por aquele labirinto confuso de ruelas e congostas, especando-se aqui e acolá, meditando, apontando, estudando. Findo o passeio pela Mouraria, calcurrearam os bécos íngremes que conduzem á Calçada dos Cavaleiros e dali, por uma trajectória um pouco original, alcançaram Alfama, onde repetiram o já feito no antigo bairro da moirama; e de Alfama a Campolide, sempre a pé e sem interesse pelos outros bairros que separam aqueles quasi extremos de Lisboa. Ligando os factos — podemos insinuar que já nessa altura se antevia a possibilidade de criar uma «China-Town» e que aquelas visitas eram de medições e calculos com esse objectivo.

AS PRIMEIRAS «DÉMARCHES»

O sr. Raimundo Cardoso, com armazem, mui acreditado, na cercanias de Santa Apolonia, foi visitado, ha poucos meses, por dois chineses. Esta visita foi notada pelos vizinhos; e a bisbilhotice trepou até a um terceiro andar onde vive um dos nossos informadores. Com a discreção e o devido respeito ao sr. Raimundo, esse nosso informador explicou o seu titulo profissional, *informando-se* dos objectivos dessa visita. Eis o que o acredi-

tado armazenista nos disse, sem a menor relutancia.

«Sou proprietario, por herança de meu pai, de doze casitas em Alfama; com as economias feitas nos anos em que não havia crise consegui aumentar essa herança, comprando então predi-zinhos. Ha três bécos que são quasi meus. Os chineses vieram propor-me a venda... E para lhe



Uma rua do bairro chinês em Paris

ser franco, se eles mantêm o que ofereceram — é negocio feito. O pior é que eles só ficam com as casas se os donos das outras nos mesmos locais lhes cederem. Ao que percebi (eles falam numa algarviada que me vi tonto para os advinhar) o projecto é ficarem com uma especie de bairro dentro do bairro. E pagam a pronto... *Bago* não lhes falta!»

Joseph Kessel, tantas vezes citado neste jornal, reporter russo que hoje é dos elementos mais brilhantes da imprensa francesa, conheceu de cor varias «China-Towns». A primeira que visitou foi, ao fim da guerra, o bairro chinês de S. Francisco da California. Na casa onde ele e outro camarada se hospedaram, tentaram dissuadi-los desse capricho — tão mal afamada é essa zona da capital californiana. E não os deixaram partir sem os fazer acompanhar de um «detective» especia-

lista em «criminosos amarelos». Pelo caminho fi-lhes dizendo que existiam mais de cem sociedades secretas no bairro chinês — sucursais das milhares que formigam no Celeste Imperio — e que metade dos crimes de toda a California eram fomentados por essas seitas; mas onde elas atingiam o rubro sangrento da tragedia era nos basti-dores da propria «China-Town». Ao chegarem ao bairro o detective dirigiu-se a um restaurante; nesse restaurante havia um cliente que era um dos seus agentes secretos, revelador de todos os projectos subterraneos — a soldo da policia. Foi esse chineza traidor que os ciceronou durante varias horas de passeio. Ao regressarem á cidade e mesmo á saída do bairro, no momento em que esse chineza abandonava o automovel de Kessel um outro automovel que, havia muito, o seguia através aquele dedalo de ruelas, atropelou-o, matando-o e fugindo. O detective que acompanhou o grupo de Kessel apenas comentou o drama: «É o quinto auxiliar que eles me assassina-ram!»

UMA «CHINA-TOWN»

Kessel descobriu a existência de um bairro chinês em Paris (obra edificada em meses ou em semanas, tão bruscamente que nem os parisienses deram por ela) graças á visita de um rico banqueiro chinês que o jornalista conhecera em Hong Kong. Uma noite esse amigo amarelo pediu-lhe para o acompanhar a Bellencourt; e sem a menor cerimónia levou-o a um casebre, no interior do qual dormiam centenas de cidadãos amarelos, como sardinhas em canastras. O dono da casa escutou os monossilabos do visitante e conduziu-os a um quarto que tinha a estreiteza de um caixão e onde dormiam um chinês, uma mulher branca e cinco pequenos mestiços. O banqueiro, indiferente á presença de Kessel, acordou o compatriota e obrigou-o a levantar-se e a sair. A mulher branca foi sacudida por um choro convulso, ao mesmo tempo que explicava ao jornalista: «Sou francesa e ha seis anos que me casei com este homem. É feio; é reservado; mas consegui enfeitá-lo. Além disso é pai dos meus filhos. Tenho passado miséria — mas mesmo assim tenho medo que mo roube; e eu sei que vou perdê-lo». O banqueiro, apesar da sua delicadeza açucarada, cheia de adjectivos, não permitiu que Kessel continuasse a escutá-la; e uma vez na rua explicou-lhe, sêcamente: «Esse homem pertence á mesma seita do que eu; foi castigado porque se afastou dela, casando com uma estrangeira; vai a Londres cumprir uma sentença de morte da «China-Town» de Whitechapel!»

Um bairro chinês em Lisboa era uma pedra de sal na nossa insonsa vida cosmopolita. Mas é preciso não esquecer... Eles multiplicam-se... Cavam subterraneos... Contagiam vícios... Trazem consigo ramificações de centenas de seitas... E daí — quem sabe? Talvez, com todos esses males uma «China Town» fôsse o maior espectáculo que Lisboa pudesse oferecer aos forasteiros... Quem sabe se não estaria «nesse mal» a resolução do problema do turismo...

Esteve ou está Jack Diamond em Portugal?

Um redactor do "Reporter X" entrevista o comandante do "Harrison" e... ficou com a convicção de que...

O célebre indesejável, expulso de todos os países da Europa, não regressou aos Estados Unidos

— Uma estranha biografia — A tragédia do Tepsy Club-Fregoli... — A fuga para a Europa

A maioria dos jornais estrangeiros que noticiavam em reportagens suculentas a expulsão da Europa de Jack Diamond falhava num detalhe: o nome do barco que, depois da recusa de todos os transatlânticos e pequenos vapores, aceitava a bordo, para o repatriar, o célebre imediato de Al Capone, o soberano do crime, com reino assente em Chicago. Só «Le Neptune» de Antuérpia o revelou... Traduzimos textualmente do número do dia 1 do corrente as seguintes linhas: «Jack Diamond, que nunca tremou ante as metralhadoras e as granadas dos «policemen» quando dos assaltos aos palácios de bandidos, sentia-se vexado e impotente ante aquele desprezo a que o votavam— quando na sua Chicago, até milionários o respeitavam e o acolhiam nos seus salões. Mas sobretudo o que o humilhava era o «não» das companhias marítimas quando os detectives que o ensanduichavam lhes perguntavam se lhe queriam vender uma passagem para a América do Norte. Numa subita ideia pediu um jornal qualquer, abriu-o na secção do movimento do porto e quis saber se o pequeno vapor de carga «Harrison» de Antuérpia ainda não levantara ferro. O comandante do «Harrison» pelo visto é velho amigo de Diamond, pois o recebeu com alegria e entusiasmo a bordo. Resta saber se «Harrison», que se destina a New-York, o depositará na grande cidade onde o ex-ajudante de Al Capone será aguardado por um regimento policial, ou se o escamoteará pelo caminho».

Ora quando no «rápido» da tarde da passada quarta feira passámos os olhos pelo «Notícias»—o primeiro que nos picou a atenção, por um desses milagres que decidem da sorte dos reporteres, lemos nas «entradas e saídas»: «Harrison» de Antuérpia, vindo de New-York e com destino a Cadiz, Marselha e Madeira e Habana». Teria entregue Jack Diamond á policia? Estaria Jack Diamond ainda em seu poder e sob a sua protecção?

O GRANDE INDESEJÁVEL

E' tempo que biografemos essa estranha figura de indesejável, que a Europa inteira expulso e que os Estados Unidos cubiçava, talvez para o expedir para a cadeira maldita. Jack Diamond — trinta anos elegantes, «chics», distintos, sempre impeccáveis no trajar e vividos na maior abundância— é um simbolo da alta

esfera do crime, da ditadura vermelha da América do Norte. E' bem desses bandidos arquimilionarios que conseguem manter a policia á distancia durante anos e anos, cometendo toda a casta de crimes. Entre os chefes de bando; entre os reis do «bootlegging»; entre os milionarios do contrabando do alcool— Al Capone é o mais temido; Moran o mais cruel; Ruthetein o mais inteligente— Diamond o mais agil e habilidoso.

Começou a sua vida miseravelmente, como um soldado raso da guarda especial de Ruthetein. Varias vezes o protegem a tiro.

Quando este foi assassinado, passou para o bando de «Al Capone» onde melhorou de situação até se tornar independente e chefe de um bando seu. A policia começou a preocupar-se com ele. Dizia-se que ele era um «az» da pistola e que abatera varios detectives e jornalistas indiscretos. Mas a verdade é que nunca foi apanhado em flagrante.

Diamond ganhou rapidamente fama. Novo e insinuante, as damas da alta sociedade queriam-no conhecer. Era convidado aos salões mais exigentes. Uma noite, no Tatsy-Club de Broadway— um «bar» clandestino de New-York, ponto de reunião de todos os «bootleggers» e «gongsters», travou-se uma batalha entre chefes de bando, bandidos libertos e outros membros da aristocracia do crime. As mundanas refugiaram-se sob a mesa; as lampadas voavam estilhaçadas; os duelistas disparavam incessantemente as pistolas— enquanto o dono da casa ordenava ao «jazz» que tocasse mais forte, que fizesse mais ruido para que de fóra não se ouvisse o ruido da batalha. Quando a policia chegou havia varios cadaveres estendidos nos tapetes. Algumas testemunhas acusaram Diamond. Durante dois anos Diamond sumiu-se. Quando reapareceu— essas testemunhas tinham desaparecido— sabe Deus como— e nenhum perigo o ameaçava. Ultimamente novas suspeitas

doutros crimes o obrigam a esconder-se. Entretanto morre em New-York um irmão que ele amava muito— Eddie. A policia tem a certeza que ele não falta ao enterro. Cercaram a igreja. Viram apear-se dum «taxi» um sacerdote que foi orar junto ao caixão e que partiu de novo, comovida mas tranquilamente. Só quando o «taxi» rodou de novo é que um detetive o reconheceu. Era Jack Diamond. Um assalto ao seu esconderijo fez com que descobrissem um verdadeiro arsenal de guerra. Jack compreendeu que devia saír da America.



O mais recente retrato de Jack Diamond

Aproveitaria a viagem para descansar, conhecer a Europa e comprar grandes lotes de vinho para os futuros negocios. Mas a policia telegrafou. A Belgica, a França, a Alemanha, todos os países se recusaram a recebê-lo. E ele foi obrigado a regressar a America a bordo do «Harrison»— a não ser que...

A SUSPEITA

O comandante do «Harrison» é homem de poucas e secas palavras. Magro, afogeadado, olhar obliquo, recebe-nos perguntando com ar de chacota se somos «policemen»...

— Jack?— repete ele correndo o sobrolho. Mas que é que o senhor quer saber sobre Jack? Já se vê que desembarcou na America... Em que porto? Tocámos em Habana e Vera Cruz antes de New-York... Ele saiu onde quis, visto que eu não era seu carcereiro...

Fizemos um rápido calculo de datas. Havia tempo para que aquele barco, cansado por tantos anos de serviço, pudesse ter feito todo aquele trajecto e estar já de volta á Europa?

Perguntámos ainda se sabia qual fóra o destino de Jack. Encolheu os ombros e tentou cortar a conversa com um... «não deseja mais nada?» Tentámos conquistá-lo mudando de assunto. Se já viera alguma vez a Portugal; se Portugal lhe agradara;

qual era o carregamento que viera buscar:

— «Port-wine»! — elucidou, lambendo os beiços.

— Ah! A lei seca! A lei seca! casquinámos.

— Ora essa! O meu barco é belga e não americano. Posso meter a bordo o que me apetece— tanto mais que o vinho é para o México...

Bem o calculavamos. O México... é a sala de entrada do alcool que se destina ao negócio clandestino da America. Quisemos saber ainda se «Harrison» trazia passageiros.

— «Jamais»! O caso de Jack foi excepcional. Nem um só! Nem um só!

Estranhámos aquele entusiasmo na negativa. Uma outra pergunta. Quando levantava ferro.

— No dia 26... Não tenho pressa...

A REVELAÇÃO

— Tem graça — disse-nos o chauffeur ao reconduzir-nos ao centro da cidade. — E' a segunda vez que faço serviço com pessoas que vão áquele barco onde o senhor esteve. A primeira foi ontem conduzindo um passageiro, um rapaz novo, de panamá branco, muito elegante e fino, que deu um passeio de duas horas e que me pagou duzentos mil reis.....

A NOTICIA

Lemos hoje—22—nos jornais que «Harrison» partiu com rumo a Marselha. O capitão teve pressa em partir. Adiantou-se quatro dias á data que nos indicara.

Z.

O maior negociante de cabeças humanas

O nosso próximo número, que será grãficamente muito melhorado, publicará uma reportagem de grande sensação, intitulada:

O maior negociante de cabeças humanas

E' o relato de um acontecimento absolutamente verídico que contém a um tempo o paradoxal sabor macabro e mundano.

As tragédias do Polo Norte

A identidade entre o espírito de aventura português e o ardor científico dos povos nordicos — Preciosas reliquias que evocam a tragédia de André e Strindberg que há 33 anos partiram em balão e não voltaram



O balão em que André e Strindberg partiram, vendo-se à esquerda o malogrado André. Fotografia tirada há 33 anos antes de iniciada a expedição fatal

Os dois polos da Terra, de cujo centro branco, gelado e inexpugnável se convencionou emergirem as duas pontas do grande eixo em torno do qual esta grande bola gira há eternidades, têm exercido sobre o espírito dos povos mais cultos da Europa a mesma atracção irresistível que o mundo desconhecido exercia nos séculos XV e XVI sobre os portugueses.

São as mesmas ansiedades, os mesmos desejos de aventura romântica, a mesma sedução do mundo ignorado e o mesmo espírito científico, aturado, persistente inquebrantável, traçando em sossegados gabinetes as rotas mais seguras através dos gelos — as rotas que conduzem quasi sempre à morte, sem que essa tragédia faça desanimar outros que logo a seguir se arremessam quasi às cegas para o mesmo abismo.

Dos dois polos da Terra o que mais vítimas tem feito é o do Norte. Julio Verne, esse romântico adivinho das mais positivas descobertas científicas, descreve-nos com fidelidade extraordinária os sofrimentos, os heroísmos dos que, através de mil perigos,

se arremessam para a conquista dos gelos, bem mais perigosa talvez do que conquistadas de povos barbaros.

A nossa imaginação, iluminada pela visão profética de Julio Verne, sempre que uma expedição científica parte para as brumas polares, logo fantasia a dolorosa trajetória desses grandes e abnegados heróis modernos. São os *icebergs*, enormes blocos de gelo flutuantes, como ilhas movidas por oculto motor que se despenham sobre os frageis navios de exploração polar, os horrores do frio e da fome, a impossibilidade de regresso a terra abrigada e finalmente a espera resignada pela morte que os imobilizará amortalhados pela grande toalha alva no isolamento, no deserto gelado.

Como se perderam há 33 anos dois visionários dos gelos

Há 33 anos, dois homens arrojados, seduzidos pela miragem maravilhosa do Polo Norte, organizaram uma expedição por um processo que nesse tempo era dos mais audazes, dos mais assombrosos.

Resolveram partir em balão, daqueles balões esféricos que já passaram de moda e hoje deram lugar ao «Zeppelin» triunfante. Esses homens arrojados eram André e Strindberg, dois suecos, imbuídos de um grande sonho científico, porque a Sciencia tem como a Poesia os seus sonhadores exaltados.

Subiram em balão, que tiveram de abandonar na Ilha Branca, internando-se nos gelos — e nos gelos se perderam para sempre. Os anos decorreram sobre a misteriosa desapareição dos dois heróis. Só muito mais tarde outros exploradores arrojados, servidos por utensilios mais modernos, puderam encontrar alguns despojos dos dois infelizes exploradores de há 33 anos.

Ultimamente, uma nova expedição especialmente incumbida de procurar mais reliquias preciosas de André e Strindberg conseguiu encontrar alguns objectos curiosos, objectos que recordam as suas tragédias e que nos obrigam a evocar com ternura as figuras simpáticas dessas duas vítimas dos gelos.

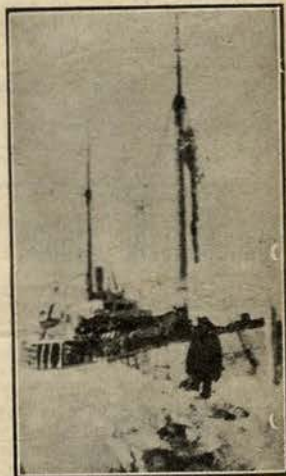
O mais precioso achado foi o cadaver do proprio André. Supõe-se que este ainda sobreviveu ao seu companheiro Strindberg, pois nos seus bolsos se encontraram objectos pertencentes a este, que foram agora reconhecidos pelo escultor Strindberg, irmão da vítima.

Entre os vários objectos agora aparecidos encontram-se uma câmara de filmar — que naquela época era a ultima palavra sobre o assunto, uma caixa de fosforos, uma navalha de mato, um lapis de chumbo e um livro de memorias — a mais preciosa reliquia.

O cadaver de André, perfeitamente conservado pelos gelos, será trazido para a Sué-

cia na mesma canhoneira onde os malogrados exploradores iniciaram a sua rota fatal — a canhoneira *Svensksund*.

A recordação da tragédia destes dois homens não fará desanimar os visionários do Polo, que prosseguirão nas suas pesquisas arrojadas, em nome da Sciencia, para trazer para o património da humanidade mais alguns conhecimentos da Vida — a Vida que se compraz em engendrar



O navio que trouxe as reliquias da expedição de André

constantemente a Morte, para além da qual nada se vê, tudo mergulha na treva opaca, impenetrável.

O escravo dos escravos

No próximo número do **REPORTER X**, que será de 20 páginas, entre outros assuntos sensacionais, publicar-se-ão revelações interessantíssimas sobre a campanha britânica contra a escravatura.

OS "DISCRETOS," MISERAVEIS DE LISBOA

(Continuação da pág. 9)

desses comensais — que não era nenhum dos «doutores» — um moço mais ajanotado do que os companheiros e com alardes de «Belo Apolo», por várias vezes espalmará a mão sobre o lado direito do casaco, como que para se apalpar, e de cada vez que repetia esse gesto, arqueava, inquieto, o sobrolho para logo o distender, tranquilizado, enquanto os outros seguiam com mal reprimida emoção o seu movimento — entreolhando-se depois com disfarce. Ora eu ha muito que observei que sempre que um individuo está prestes a pagar uma conta ou a exhibir um documento de responsabilidade — uma letra que se vence ou um bilhete de cambio, a meio da viagem e na vizinhança do revisor, por exemplo, sofre de repetidas crises de medo — de medo de se ter olvidado de embolsar o dinheiro ou de ter perdido o bilhete. Por isso, seguindo esse nitido presentimento, se apalpa, vasculha os bolsos, a certificar-se se a carteira ou o bilhete estão no mesmo sitio. Igualmente registei no ficheiro das pequenas observações humanas que por muito bem educado e sobrio que um individuo seja, quando se aproxima a hora de cobrar um prémio quantioso e «extra» cujo montante exacto ignora ou dependa de circunstâncias alheias — uma gratificação, uma gorjeta, umas «luvas», etc. — não consegue domi-

nar a ansiedade, vigiando todos os gestos da pessoa que prometeu essa quantia e sobretudo olhando com insistência e emoção para a pasta, para a carteira, para a gaveta ou cofre de onde deve sair o dinheiro cubado. Aplicando estas theorias á scena que eu contemplava, facilmente tirei as minhas conclusões. Mas havia mais: havia o evidente receio de serem vistos juntos, o cuidado de se furtarem aos olhares; os bustos curvados, quando cochichavam.

Outro detalhe ainda: um deles desencantou da pasta de couro um «Seculo» do dia, dobrado em quatro, apresentando-o ao moço acatitando como que a pedir que o lesse. Nesse espaço do jornal — que era da segunda pagina — havia uma grande gravura. Fixei-a... Nesta altura a porta fechou-se com estrepito e não tornou a ficar aberta.

Augusto Cruz estranhou a minha boa disposição em demorar-me á mesa. Só me levantei quando o «grupo», de novo formado em fila indiana e muito intervalado, saiu do gabinete e do restaurante. Pedi que me arranjassem o «Seculo». Dobrei-o como o vira dobrado, guiando-me pela gravura. O espaço deixado por essa gravura era occupado por três noticias apenas: um incendio, um atropelamento e um escandalo sob o titulo: «A' volta dum casamento». Sorri-me — e li a ultima.

Caso banal. Uma nonagenaria — D. U. de B. A., riquissima — casara com um moço elegante. A' volta desse casamento entrechocavam-se cubicas impetuosas, vorazes. E a pobre velha, unica vitima de todos — e dela propria, da sua fortuna e da sua psicose amorosa nas vespuras dos cem anos — é que pagava as custas, já ameaçada de entrar num manicómio — enquanto o marido (ou outro qualquer herdeiro, tanto faz) se banqueava com o seu tesouro... Interdição... Clausura... Enterrada em vida — tão proxima da morte.....

A' saída, Augusto Cruz e eu ouvimos o creado que servira no gabinete lamentar-se para o caixairo. «— Uns com tanto e outros com tão pouco... Era um «montão» de notas de 500. Quando eu entrei tinham os outros acabado de contar e falavam em «oitenta contos»... Mas depois tambem ouvi dizer que havia mais trezentos e vinte «quilos»

Dias depois, á porta dum café, perguntei a um colega meu, «má lingua» mas bem informado — o A. C. — se conhecia dois sujeitos que passavam em frente. Eram dois dos comensais do restaurante do Campo Grande. Eis o que ele me respondeu: «São frescos. Venderam-se ao marido da velha. Dizem para

ai que já receberam oitenta contos e que o premio é de quatrocentos.»

Nessa mesma noite, entrei num «dancing». Reconheci numa mesa proximo da minha o moço janota e pretencioso. Bebia «champagne» com Margot. Aproveitei uma ausencia dele para a cumprimentar. «Quem é esse rapaz que está contigo? — perguntei afectando desinteresse. «— Conheço-o não sei donde!?! E Margot, fazendo-o retirar os seus r r franceses, elucidou-me com um sorriso: «— E' muito rico... E' o marido duma velha muito rica... E é muito bom rrápaze. Foi ele quem me ofereceu este

Nunca mais ouvi falar no assunto — mas é de crer que a pobre nonagenaria esteja num manicómio.

SATAN CONDUIT LE BAL...

E' esta a nossa época. E quantos que não couberam nesta pagina?! «Satan conduit le bal... E' certo — mas não ha baile sem musica. A musica é este jornal — uma sinfonia de luz que os arranca das trevas protectoras e os holofota enquanto eles gesticulam e berram como uma massa de porcos bipedes chicoteados pela agua das agulhetas...

REPORTER X

“Mademoiselle” Tango

(Continuação da pag. 5)

dois ultimos tiranos do Perú, estavam nas minhas mãos... Faziam o que eu lhes pedia... E eu, contra o que se pode imaginar, insignava-os sómente a actos de desmedida tirania. Eles tudo praticavam para me serem agradáveis. O sangue correu como nunca pelas ruas de Lima. Eu fazia mal? Oh! Mas eu precisava vingar a morte do meu amante. E vinguei! Perante as atrocidades de Leguia e do filho, todo o Povo era um sonho ardente de revolução! No mês passado, deu-se o movimento revolucionario que atirou para o degredo com os dois tiranos. Eu estava finalmente vingada! E saí do Peru, alegre por me ter vingado, mas triste, mas muito viúva...

Era o ponto-final da subida dolorosa de Mademoiselle Tango. Ficámos alguns minutos mais. E gastámos quasi uma hora, falando da sentimentalidade da musica argentina, de bailado, entre o fumo de cigarros. Por fim, quando me despedia, Mademoiselle Tango ofereceu-me o seu retrato, e disse: Foi o primeiro jornalista a quem falei deste assunto, e a oferta do meu retrato tornava-se, por conseguinte, indispensavel...

... Como «Las colondri-nas» de Campoamor»...

Ao outro dia, enviei a Mademoiselle Tango um ramo de rosas. A'

O condenado à morte por amor

Joaquim Pita Soares, o português que, por uma loucura de amor, foi levado até ao crime, sendo condenado á morte pela justiça americana, dirigiu ao director do Reporter X uma carta comovente, na qual relata, pelo seu punho, a sua triste odisseia.

Na impossibilidade de o fazer neste número, por falta de espaço, Reporter X publicará no proximo número êsse documento na integra.

UM CASAMENTO ESCANDALOSO EM AVEIRO

Sobre esta reportagem, que tanto interesse despertou em todo o país, recebeu Reporter X duas cartas a que no proximo numero fará as merecidas referências.

noite, quando entrava na redacção, entregaram-me um bilhete dessa bailarina, semeado com duas frases de agradecimento e com a informação de que partia, nessa noite, para a Africa, onde tencionava passar o resto da existencia na mais fechada solidão.

GUEDES DE AMORIM

“O Homem do Fumo,”

Estranha figura de escritor e de poeta — esse Ferreira Gomes. Não conheço espirito de literato onde o sonho invada tanto a vida até á confusão não só dele proprio — como tambem dos outros. Vive o seu sonho. Sonha a sua vida. E daí a



Augusto Ferreira Gomes

constante scenografia da realidade brutal e a realização em alto relevo da sua fantasia. Quantos romances inverosímeis, em claro escuro gran-guignolesco á Edgar Poe, misensecnou Ferreira Gomes com o sacrificio da sua carne e da sua alma? Quantas vidas recitou ele pelos cafés, em forma de romance improvisado, e que nunca chegou a escrever! Ferreira Gomes anuncia para breve um novo livro: «O Homem do Fumo». Será mais um sonho ou mais uma existencia? O que será, pela certa, é mais um exito.

“REPORTER X”

modificou os seus serviços gráficos

Os serviços gráficos do Reporter X, que estavam instalados em Cancela Velha, 39, Porto, passaram, por conveniência deste jornal, para Lisboa, rua D. Pedro V, 120.

Com esta transferência só têm a lucrar os nossos prezados leitores, anunciantes e assinantes, porquanto teremos ensêjo de melhorar consideravelmente o aspecto gráfico de Reporter X e aumentar-lhe a tiragem, atendendo assim á grande procura, que em todos numeros tem sido enorme.

Reporter X, devido á sua elevada tiragem, que todavia ainda vamos aumentar, rapidamente esgotou o seu estock de papel cor de rosa, sendo forçado, para não interromper a sua publicação, a imprimir alguns números em papel branco.

Dêste precalço e de outros que possivelmente surjam, em virtude da transferencia dos nossos serviços gráficos para Lisboa, pedimos desculpa aos nossos leitores, que tão bom acolhimento têm dispensado ao Reporter X.

O Marquês de Sagres Como se faz escravatura branca em Portugal

(Continuação da pag. 4)

bôca do sr. Idílio Ferreira a seguinte resposta: «Perdão, eu disse ao sr. Marquês de Sagres que não era minha intenção entrevistá-lo como jornalista mas sim como particular. Ouvi-o, o que não impede que o jornalista tivesse ido «omigo...»?»

Como se atreve o sr. Marquês a vir declarar em público que não foi ouvido por um redactor do *Reporter X*? Não lhe parece uma desvergonha negar o que é patente e facilmente comprovável? Não entende que isso é descer, Marquês?

Reconheceu o nosso redactor, confessor perante muitas testemunhas que esse redactor o entrevistara para o *Reporter X* e atreve-se agora a vir publicar uma carta indignada e severa e austera (que risível, a austeridade do sr. Marquês!) desmentindo o que dias antes afirmara? A que obedece esta carta? A um primeiro passo para nos conduzir aos tribunais? Vamos a isso, sr. Marquês. Teremos então ensêjo de dizer perante a Justiça coisas que talvez lhe proporcionem uma viagem gratuita até às colónias.

Ser arremessado para o degrêdo, será descer, Marquês?

Mas temos mais factos e argumentos para pulverizar aquela carta falsamente digna que o recente titular — o primeiro Marquês de Sagres, plagiato ignobil do *Primeiro Marquês de Santa Clara*, novela satirica que publicámos há anos — teve o descaro de nos dirigir, como se pessoas honestas não fôssem — só por lei — obrigadas a aceitar as cartas das que o não são!

E' verdade ou mentira que o sr. Marquês, tendo burlado a boa fé de um amigo sincero e leal, o enviou como emissário a repetir indirectamente o esboço de suborno, por duas vezes inutilizado pela nossa resistência granítica, tilitando a soma de 50 contos para nada publicarmos a seu respeito?

E' verdade ou é mentira que, por intermédio desse emissário iludido, o sr. Marquês de Sagres argumentou, para nos convencer, que outros jornais, depois do primeiro ataque, se tinham calado a troco de muito menos?

E' verdade ou é mentira que o sr. Marquês de Sagres nos mandou dizer, burlando, repetimos, amigos de boa fé, que não nos ficaria mal receber os cinquenta contos a titulo de indemnização, visto que não tinhamos começado ainda a campanha e que não podiamos, portanto, ser acusados de chantagistas?

E' verdade ou é mentira que, para nos entontecer, caluniou vários colegas nossos, entres eles *O Povo*, como nos caluniaria

so companheiro fez a nossa apresentação: Mário Fonseca, negociante no Lobito, que havia seis anos não vinha a Portugal. Homem de iniciativa, como aquela cidade africana principiava a ser muito frequentada por forasteiros, devido ao movimento do seu porto, resolvera montar ali um grande *cabaret*, moderno, civilizado, bem fornecido de comidas e bebidas, com *jazz-band* ruidoso, bom salão de baile... e mulheres, *papillons*, brancas, bonitas, elegantes, capazes de saber conversar, entreter, estontear os marítimos que por ali passam torturados pelas longas abstinências do mar, e os africanistas que, regressando do interior, do sertão, carregados de dinheiro e de saudades da Europa, ali deixem em troca de agradáveis momentos uma parte dos seus haveres.

EXPÕEM-SE AS CONDIÇÕES DE UM GRANDE NEGÓCIO

Aninhas, que é inculta, mas esperta, escutando-nos, abria uns bonitos olhos deslumbrados. Ela compreendia que nós eramos um homem com bom tacto para o *negócio* e logo redobrou de atenções quando, baixando a voz em tom solene, lhe dissémos que estávamos dispostos — se ela soubesse conduzir-se com habilidade — a deixá-la partilhar os lueros. Guardariamos segredo — porque o segredo é a alma do *negócio* — e ela, Aninhas, que estava batida no assunto, obternos-ia algumas mulheres.

Alguem bateu ao postigo envidraçado da porta da rua. Aninhas foi ver quem era... Era a Deolinda, «uma rapariga da vida», môça ainda, alegre, mostrando em um riso constante a falta de um dente.

A Deolinda é uma pobre rapariga, uma assalariada de bordel, que uma ilusão de amor atirou para a desgraça. É, apesar do meio deletério onde vive, uma ingénua que os patrões exploram e os amantes espancam. Posta ao corrente das intenções do pseudo-negociante do Lobito, ela, com aquela carita de fuinha, o cabelo indomável e mal cortado, a ossatura a querer perfurar-lhe a pele,

a nós, se não lhe cortassemos energeticamente o passo?

E é este cavalheiro de indústria — indústria perigosa, anti-social — que se permite usar da lei de imprensa na parte que ela tem de mais respeitável: — a legitima defesa dos inocentes.

Pois use a lei de imprensa, sr. Marquês. Use mas não abuse... que nós ainda temos muito que lhe contar.

queria embarcar para a Africa, para esse Lobito misterioso e longinquo, onde em um *cabaret* em festa ela imaginava ir encontrar o dinheiro que salva da miséria e, por fim, o noivo africanista e ingénuo que lhe daria os mimos que ela ambicionava em virgem.

É compreendemos então quão fácil é a a missão dos engajadores, entreabrindo aos olhos cândidos miragens de paraíso em regiões novas que a distância envolve em coloridos sedutores. Quantas, como a pobre Deolinda, se têm perdido por essa miragem enganadora!

UM ESTRANHO CASO DE IMORALIDADE EM UM RESTAURANTE BARATO

Aninhas recebe todos os dias, ao principio da tarde, a visita de um velho libidinoso, cuja generosidade ela explora. A nossa presença em sua casa tornava-se importuna. Ela, porém, não queria perder o *negócio* e propôs que voltassemos mais tarde para proseguirmos em nossas negociações. Ali perto havia uma casita de pasto modesta — ela mesmo no-la indicou — e ali poderiamos almoçar. Aninhas, se o velho não se demorasse, se não fosse demasiado *chato*, iria ter comnôso para «comer um petisco e beber um copo» na nossa companhia.

Saimos. A Deolinda cheirou-lhe a almôço de graça, pago por um africano, não tardou em juntar-se-nos e alguns minutos depois, em uma travessa estreita, que desemboca na rua das Linheiras, encontravamos-nos em um restaurante — meio casa de pasto, meio taberna — dos mais estranhos que temos encontrado na nossa não já muito curta vida de jornalista.

Fômos recebidos como principes (a fama de desembarcados de Africa já corra pelo bairro), conduzidos a um gabinete, uma casa de jantar modestissima, onde já se encontravam alguns *convivas*. Um empunhava uma guitarra, que dedilhava, dando geitos diligentes à cabeça e deitando a ponta da lingua de fora, como as crianças quando se apuram em um boneco; o outro, um pouco cheio, atarracado, face abolachada sem um pêlo, grandes olhos ternos, entoava, baixo, em voz efeminada, um fado triste que o primeiro se esforçava por acompanhar.

O rôsto do cantador não nos era desconhecido. Já o tinhamos visto em qualquer local suspeito, em Lisboa. Ao nosso companheiro tambem aquele homem não passara despercebido.

REPORTER MARIO.

(Continúa)

Mario Domingues



**DESENHOS COMERCIAIS
E ARTISTICOS**

Carta de Delegação do
"REPORTER X" no Porto
RUA DO ALMADA, 10



O PAPEL DE FUMAR



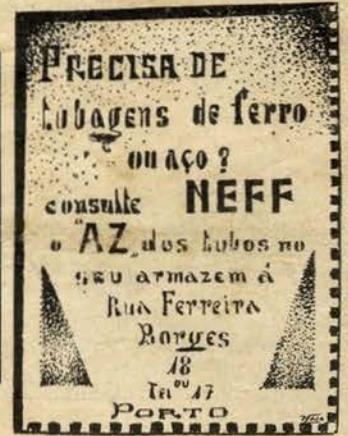
**CONQUISTOU
O SEU LOGAR PELA
QUALIDADE**

JAIME D'ALMEIDA CAMPOS & C.ª

23, Largo de São Domingos, 24
PORTO

Tubagens de ferro
galvanizado e de
chumbo. Louças sa-
nitarias nacionais
e estrangeiras

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS
TELEFONE 2480



**ARMAZEM DE VINHOS DO PORTO
para consumo
e exportação**

FABRICA
de Licores,
Aperitivos
e Xaropes

Carvalho Monteiro & C.ª, L.ª da

131
Rua José Mariani
135
Vila Nova de Gaia
PORTUGAL

Telegramas: Carmonte—GAIA

Representante no Porto—JAIME ANTERO DE ALMEIDA